
CONFLITO POLÍTICO PARTIDÁRIO NO ALTO SERTÃO MARANHENSE: A guerra do Léda e seus desdobramentos no final do século XIX e início do século XX

Layla Adriana Teixeira Vieira¹

Introdução

A historiografia tradicional maranhense fez da história de São Luís uma história central, percebe-se nos manuais didáticos e nas pesquisas acadêmicas poucos estudos sobre o sertão maranhense, área que abrange a região sul do Maranhão. Historiadores como Mário Martins Meirelles, Jerônimo de Viveiros, nada ou muito pouco escreveram acerca da questão analisada. Vale destacar que são raríssimas as pesquisas sobre o tema, mesmo assim a geografia física e a gente sertaneja passaram a ser objetos de estudos. Nesta perspectiva o artigo visa analisar a política no alto sertão maranhense, sobretudo um episódio ocorrido no município de Grajaú que ficou “conhecido” como A guerra do Léda.

A Rebelião aqui analisada teve a duração aproximadamente de onze anos, se levarmos em consideração o ano de 1898 data do assassinato de Estolano Polary e do atentado contra Leão Léda em 1909. Como nos conta (CARVALHO, 1902) “O inventário do século XIX ainda não foi feito”. Amplamente noticiado pela imprensa maranhense da época² além do Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, os fatos por si, não foram suficientemente estudados nem interpretados pela sociedade maranhense, a “guerrado Léda” continua desconhecida.

A única referência que se tem da Guerra do Léda foi feita por João Parsondas de Carvalho, historiador, geógrafo e jornalista autodidata, que publicou vários artigos no jornal A Pacotilha, de oposição ao senador Benedito Pereira Leite e, no Jornal do Brasil do Rio de Janeiro. Todos os artigos foram escritos entre os anos de 1902 e 1903 com o intuito de chamar atenção da sociedade e das autoridades públicas sobre o conflito político ocorrido na Antiga Vila da Chapada.

A Guerra do Léda: disputa política entre o Norte e Sul do Maranhão.

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista Pibic-Fapema. E-mail: layladriana@hotmail.com

² Especificamente os jornais: A Pacotilha, O Norte, e o Jornal Brasil, do Rio de Janeiro.

De acordo com as fontes, a dicotomia sertão/ litoral tão realçada na historiografia brasileira também foi muito presente no Maranhão, causando a divisão política, geográfica, social e econômica entre as duas regiões. Movimentos de revoltas como a Balaiada e a Guerra do Léda foram ocasionados por interesses divergentes, acarretando ferrenhas insatisfações, conflitos e tensões. Para Dunshee de Abranches “o sertanejo maranhense era um rebelde nato [...] Aspirava para o seu sertão uma vida à parte, uma independência própria” (ABRANCHES, 1993, p.153).

Tratando-se do sertão e de sua gente, a grande maioria da população maranhense sequer ouviu falar sobre a Guerra do Léda, uma “guerra” que aconteceu em várias localidades do sertão do Maranhão e áreas vizinhas especialmente do norte de Goiás. Tal “guerra” proclamava por uma independência política do sertão. Os que representavam as lideranças políticas de cada localidade sertaneja solicitavam uma presença maior do Estado, no sentido de escolas, estradas, postos de saúde e de investimentos que pudessem tirar o sertão do “isolamento” ao qual estava submetido.

Por outro lado, os líderes políticos da Capital “fingiam” um esquecimento da região, principalmente depois que passava o período eleitoral, o que não era tolerado por alguns líderes sertanejos, principalmente os opositores ao governo. As negligências governamentais com relação ao sertão eram constantes, junte-se a isso a cooptação de alguns líderes oposicionista feita pelo governo, levou as facções partidárias de Grajaú entrar em conflito, enquanto uns defendiam o governo instalado na Capital, outros defendiam a autonomia do sertão.

A partir das leituras e análises documentais foi observado que, os confrontos das famílias Léda e Moreira contra os conservadores (Araújo Costa) e a posteriori federalistas, representados na pessoa de Jeferson Nunes tiveram raízes ainda no Maranhão Imperial, mas só chegaram ao ápice no período Republicano, principalmente por volta de 1898. Segundo (BRANDES, 1994, p.215).

Havia nos idos de 1888, entre outras, duas agremiações política nos sertões. Os conservadores e os liberais. Eram partidos monárquicos pelo fato de existirem de direito naquele Sistema. Confrontando-se no campo cívico e às vezes enfrentavam-se no corpo a corpo, empunhando pelas ruas, rifles e outras armas, pondo fim a muitas vidas, não escapando dos crimes como vítimas as próprias autoridades.

Envolvido nesse sistema de disputa política entre partidos, o senador Benedito Pereira Leite tentou a todo o custo uma hegemonia política do Estado e buscando tal fim, investiu de

maneira violenta contra alguns líderes do partido liberal de Grajaú, especificamente o mais destacado, Leão Rodrigues de Miranda Léda. É possível observar que durante aquele período o poder político de grande parte do Maranhão estava sob o controle do senador Benedito Leite, e os liberais do sertão iam contra o sistema situacionista implantado pelo primeiro.

Para a oposição sertaneja, “o governo do estado era o fomentador da revolta e toda a responsabilidade recaía sobre Benedito Leite, que desejava ter hegemonia política no sertão” (VIVEIROS, 1960, p. 196). Para atacar as organizações formadas nos sertões em favor de Leão Léda, foi enviado pelo governo do Estado, forças militares com cerca de 150 homens ao para combater os opositores em Grajaú³. A reação do governo maranhense ao assassinato do promotor de Grajaú foi imediata. Segundo informou Parsondas de Carvalho (1902, p.1) no *Jornal do Brasil*, os soldados enviados pelo governo rumo ao sertão:

Levaram ordens para matarem determinadamente os Moreiras e indeterminadamente a todos que tivessem tido comunicação com Leão, tendo-o visitado ou recebido em suas casas quando viajou, bandos armados foram espalhados no sertão. Assim, foram apontados à facha dos assassinos aqueles que mais haviam se esforçado, em benefício da paz, para a retirada de Leão.

Percebe-se que ordens baixadas pelo governo expressam bem a maneira como a direção política da capital “dialogava” com seus opositores, tal ordem, encontrada na documentação analisada, demonstra serem várias as vítimas de atentados, chantagens e óbitos. Segundo Parsondas de Carvalho, “para evitar o enfatiamento que a repetição das mesmas cenas causa, passo um traço por baixo das parcelas de outubro e apresento a soma: 48 mortos e 63 casas queimadas” (CARVALHO, 1902, p. 3).

Por onde passavam os representantes do governo, as ações eram criminosas, o ambiente ficava arrasado, as mulheres eram estupradas, as propriedades incendiadas, roubadas e saqueadas, o governo não poupava idosos, crianças, mulheres grávidas, vaqueiros, etc. A ordem era sair em busca de Leão Léda, colocá-lo na prisão, na percepção do governo, seria uma forma de impedir qualquer atitude do coronel Léda contra o mandonismo da capital. As famílias sertanejas já não conseguiam ter paz e a inviolabilidade do lar deixou de existir. Quase todas as familiares eram constantemente ameaçadas de morte. Esse terrorismo de Estado foi a principal metodologia empregada no sertão na “caça” implacável a Leão Léda.

O exílio do líder liberal: Leão Léda no Norte de Goiás.

³ Consultar: REIS, Flávio. **Grupos Políticos e Estrutura Oligárquica no Maranhão**. São Luís: [s.n], 2007. p. 150-151.

O assassinato de Estolano Eustáquio Polary, promotor público de Grajaú em 16 de agosto de 1896 fez com que Leão Léda e seus aliados políticos buscassem exílio na cidade de Boa Vista, naquela época situava-se no norte de Goiás. O crime ocorrido na Antiga Vila da Chapada foi usado pelo governo do Estado, representado por Benedito Leite, como causa para incriminar o ex-líder liberal e agora republicano e seus pares. Seguidores da política adotada por Benedito Leite, tanto da Capital, quanto sertão queria a todo o custo eliminar Leão Léda um dos fundadores do Partido Republicano no sertão maranhense.

Boa Vista foi escolhida por Leão Léda devido à “proximidade” com a cidade de Grajaú, acreditava Leão, que mesmo em fuga poderia continuar exercendo suas atividades políticas, econômicas, pois era bastante conhecido na cidade e na região que havia escolhido para exílio. Lá, o líder liberal contratou os serviços de um advogado. Este requereu habeas-corpus para Leão Léda, tendo como objetivo provar a inocência de seu constituinte e de seus seguidores, que foram impossibilitados de o fazerem no Maranhão, posto que, nenhum advogado aceitou a defesa do líder sertanejo.

O habeas-corpus encontra-se no Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão em São Luís e, através deste documento pode-se obter uma análise abrangente sobre os fatos. Ficam perceptíveis na documentação a indignação e repúdio do escrivão ao elaborar tal documento “lutuosas cenas desenroladas no sertão maranhense, as quais, sobre o nome de guerra do Grajaú, tiveram tão larga repercussão na imprensa”⁴. Como já foi dito, Leão Léda contratou os serviços do advogado, José Barreto Costa Rodrigues. A peça processual requer:

Habeas-corpus preventivos em favor de Leão Rodrigues de Miranda Leda e Thomaz José Moreira, iniquamente envolvidos nas malhas de um processo fundamentalmente nulo e em consequência do qual, desde o ano de 1898, foram obrigados a abandonar o Estado, fugindo a ameaça de ilegal constrangimento em sua liberdade, proveniente do despacho de pronúncia contra eles proferido por autoridade de todo o ponto incompetente. Impetrar uma ordem de habeas – corpus preventivo em favor de Leão Rodrigues de Miranda Leda, Nelson Martins Moreira, Silvino Martins Moreira, Thomaz José Moreira, Candido Alves Sarmiento e Manoel João Rodrigues, pronunciados pelo Doutor Chefe de Polícia do Estado como responsáveis pela morte de Estolano Eustáquio Polary, ocorrida na cidade de Grajaú, deste Estado, no dia dezesseis de Agosto do ano passado, que indeferem a mesma petição (CADH, Habeas-Corpus, Sessão de documentos restaurados, 1907, p, 4).

⁴ Um dos noticiários foi no Jornal Brasil, que circulou no Rio de Janeiro, tendo um papel importante na divulgação dos crimes e confrontos de Grajaú. Como já foi apontado, João Parsondas de Carvalho, foi o responsável pela propagação, escrevendo vários artigos neste jornal da antiga capital da República.

Na visão governamental era necessário subjugar Leão Léda e fazer o sertão submeter-se politicamente ao senador Benedito Pereira Leite que usava de seu poder oligarca, enfrentando de maneira despótica a reação dos homens do sertão. O pedido de habeas-corpus foi negado pelo poder judicial de São Luís e por ordens das lideranças jurídicas locais, que prestavam serviços ao senador e não à justiça. Aqueles aliados a Benedito Leite⁵ recebiam um bônus no cenário político, adquiriam status e poder, eram capazes de realizar atos inapropriados para atingirem os seus interesses. Os bônus recebidos eram para aniquilar os líderes políticos do sertão contrários ao poder central.

O município de Grajaú passou a ser considerada pelo poder central um local propício para a barbárie e seus habitantes passaram a ser considerados como um “bando de selvagens” que precisavam ser domados. Conforme (CARVALHO, 1902, p.1). “Tão frequente se tornaram as questões no Grajaú e tal aspecto apresentava que deixavam formar-se a ideia contristadora dessa localidade estar quase em estado de selvageria.” As disputas políticas partidárias, os jogos de interesses, a busca por status social e político, foram disputados de forma coercitiva, violenta e a mais degradante possível.

O nível de inimizade entre os seguidores dos dois grupos oposicionistas fez com que qualquer atitude violenta fosse considerada a mando do opositor, ou seja, a outra liderança partidária. Enfim, a rivalidade não deixou de existir e as disputas tornaram-se cada vez mais intestinas. Para a sociedade local, lideranças como Leão Léda deveriam ser apoiados e ajudados. Mas para o poder Central eram considerados bandidos, líderes sectários, desmerecedores de qualquer apoio. Para o historiador (HOBSBAWM, 1975, p.21) “o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos”. Na concepção de (ABRANCHES, 1993, p.156):

O que havia nos sertões da Província, não era, como proclamava a imprensa facciosa, o banditismo a serviço das ambições e dos planos ocultos dos dois partidos monárquicos em luta dissolvente e feroz em todo o País; mas, o que poderia chamar – caudilhismo literário. Esses caudilhos sertanejos, dentre os quais Leão Léda simbolizava um Maranhão o tipo mais representativo, não eram meros instrumentos nas mãos dos políticos, nem jagunços locais e cangaceiros ladravazes, assoldados para cometer distúrbios e massacres a fim de que triunfassem nas urnas candidatos às altas posições no Parlamento ou na administração do Império. Eles tinham, ao contrário, vontade própria e ideias e ideais mais ou menos justos ou justificáveis. E, acima de tudo, a causa principal das suas agitações e rebeldias, era que não suportavam a

⁵ O domínio exercido por Benedito Leite na política maranhense compreende o período entre os anos de 1893 a 1908. Cf. (VIVEIROS, 1954).

centralização do Império, garroteando as províncias asfixiando os municípios (CABRAL, 1992, p.124).

A região Sul do Maranhão, não só apresentava, como ainda apresenta aspectos totalmente dispares da região próxima ao litoral do Estado. Os indivíduos que ocuparam a região do sertão foram homens vindos, principalmente de Pernambuco e da Bahia, que por iniciativa privada, por volta do século XVIII, atravessaram o rio Parnaíba e chegaram à localidade denominada por eles de “Pastos Bons”, ou seja, um lugar amplo, verde e cheio de rios, propícios para a criação de gados. Os sertanejos se valiam do meio natural, como a utilização de cabaças, panelas de barro cozidos e a utilização de alguns gêneros locais. Muitos não eram adeptos aos costumes dos homens que moravam na capital e não aceitavam a dominação daqueles em sua localidade.

As dissidências partidárias eram comuns nessas regiões, às relações entre os partidos políticos ocorriam de forma afastada e em muitos casos as afinidades eram nulas. Em regiões como no município de Grajaú, muitos políticos se rebelaram contra o partido que mantinha eles com o poder Central. As facções formadas principalmente em épocas eleitorais se organizavam com afinco para anular a existência do líder/chefe opositor. Percebe-se como aponta (CABRAL, 1992), que essas rebeliões tiveram inícios desde o processo de colonização, passando pelo Império, chegando ao período Republicano até os dias atuais. Não é difícil se ver rivalidades, jogos de interesses, ambições individuais e a busca por uma hegemonia. Percebe-se que a questão individual sobrepõe-se ao coletivo.

Considerações finais

O intenso conflito político partidário ocorrido na região de Grajaú no final do século XIX e início do século XX expressa a luta por uma independência do sertão maranhense. Essa pesquisa ainda em andamento possibilita “desvendar” os acontecimentos ocorridos na região sertaneja, conhecidos como “a guerra do Léda”, e inseri-lo na historiografia maranhense. A partir das documentações é possível perceber que o conflito armado atingiu outras regiões fora do Estado, como o norte do Goiás e sul do Pará. Essa reverberação foi possível devido às intensas relações políticas, econômicas e culturais que havia entre o sertão maranhense e as áreas citadas.

É importante ressaltar que durante todo o período da luta armada, o controle político de grande parte do Maranhão estava sob o domínio de Benedito Leite, e os liberais (a posteriori republicanos) enfrentavam o governo e as práticas políticas impostas pelo senador Leite. Os sertanejos maranhenses lutavam pela autonomia de sua região. Essas aspirações cochavam-se com os anseios de alguns indivíduos e de lideranças que representavam o poder político da capital no sertão. O final do século XIX e início do XX marcou profundamente a sociedade sertaneja na tentativa de manter-se livre do controle político emanado da Capital, São Luís.

Referências

Jornais Microfilmados

- Jornal A Pacotilha.
- Jornal O Echo.
- Jornal O Norte da Barra do Corda.
- Jornal Brasil.

Manuscritos

Documento de Habeas-Corpus – Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão (CADH) – Sessão de documentos restaurados. São Luís, 1907.

Documento de inventário de Leão Rodrigues de Miranda Léda. Sessão de documentos restaurados. 1909. Caixa: 5.

Bibliografia

ABRANCHES, Dunshee de. **A esfinge do Grajaú**. 2 ed. São Luís: Alumar, 1993.

AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. Estudos Históricos, v.8, n.15, 1995.

BARTELT, Dawid Danilo. Palavras Secas: o discurso sobre o sertão no século XIX. In. ROCHA, João Cezar de Castro. **Nenhum Brasil Existe**: Pequena Enciclopédia. São Paulo: Univer Cidade editora, 2003. p.585-592.

BRANDES, Galeno E. **Barra do Corda na História do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1994.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado**: conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão: Subsídios para a história e a geografia do Brasil**. 3 ed. Imperatriz, MA: Ética, 2006

COUTINHO, Márcio Augusto Vasconcelos. **Grajaú: um estudo de sua história**. São Luís: Edigraf, 2006.

DINO, Sálvio. **Parsondas de Carvalho: um olhar sobre o sertão**. Ética: Imperatriz-Ma, 2006.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 8 ed. São Paulo: Globo, 1989.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil – Intelectuais, sertanejos e imaginação social**, Rio de Janeiro, 1997.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. **Varando Mundos: Navegação Fluvial no Vale do rio Grajaú**. 2011. 264 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Benedito Leite um verdadeiro republicano**. Rio de Janeiro, Gráfica Taveira, 1957.